

NOSSOS MESTRES

Irreverência para ensinar

Reitora da Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS), que viralizou nas redes com explicações divertidas e didáticas sobre ciência, relata os desafios que enfrenta para abrir caminho a mais mulheres pesquisadoras

» MARIANA NIEDERAUER

“O sistema não esperava que eu desse certo.” Foi contra essa certeza posta que Marcia Barbosa, atual reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), lutou durante toda a trajetória acadêmica. Estudante de escola pública e mulher, tinha o destino delimitado entre as quatro paredes erguidas por um pacto social tácito. Mas as escolhas que fez não se encaixavam ali, e ela teve de demoli-las, uma a uma, para tornar-se uma das pesquisadoras mais influentes da física no país e alcançar reconhecimento mundial.

De família gaúcha, Marcia nasceu no Rio de Janeiro, onde o pai, Rui, hoje com 94 anos, atuava como sargento da Aeronáutica. Em 1964, pouco antes do golpe militar, ele conseguiu transferência e se mudou para Porto Alegre.

No município de Canoas, Região Metropolitana da capital, Marcia começou a vida escolar numa Brisoleta, como eram chamadas as escolas construídas em madeira pelo governador Leonel Brizola. Ela e os irmãos caminhavam longa distância até a escola, que ficava em uma região mais afastada, rodeada por vilas populares. Apesar das dificuldades, Marcia relata que os professores eram muito empenhados. “Eu tive uma infância muito livre nesse lugar isolado”, completa.

Foi ali também que os primeiros momentos de contato com a ciência floresceram. As crianças tinham como um dos principais passatempos soltar pipa. A atividade acabou despertando rivalidades e virou competição. Em vez de lançar mão da disseminada — e perigosa — estratégia de fios com cerol, Marcia decidiu usar a ciência para fazer a pandorga imbatível.

Arquivo pessoal



Marcia Barbosa usa a pesquisa como escudo às críticas: “Em ciências exatas não tem cancelamento”

“Meu pai era eletricitista, mas uma pessoa com habilidade de fazer tudo. Tem só o ensino médio, que ele fez na própria Aeronáutica. Eu disse a ele: ‘Vamos fazer uma pipa de plástico, para eu voar na chuva, que é quando tem mais vento’. Eu me encantei por esse processo de construir uma coisa nova”, relata.

Já no ensino médio, matriculada na escola estadual, Marcia e o irmão, Alexandre Bernardes Barbosa, se destacavam em todas as disciplinas. Com o incentivo do diretor, começaram a dar aulas substituindo algum professor que faltasse. A irmã mais nova, Denise, é a descolada da família, criava figurinos e pedia à mãe, Paula, habilidosa na costura, que montasse looks de fazer inveja às colegas. “Eu e meu irmão éramos os nerds, só com os livros, sempre estudando. E ela era a descolada”, diverte-se.

Quando viu, já estava levando a inovação mais longe e aceitou a proposta do diretor de montar o laboratório da escola, com algumas doações que ele havia conseguido de uma igreja protestante. “Ali eu soube que aquela experiência de montar uma coisa, que dá errado e dá certo, era o que eu queria para o resto da minha vida.”

Destino nas exatas

Aluna destaque, ela poderia ter escolhido qualquer curso com a segurança de aprovação. Escrevia muito bem, era comunicativa e até no teatro se aventurou. Mas a magia dos erros e acertos nas experiências tornou evidente a escolha pela ciência exata.

O primeiro choque ao entrar na graduação de física da UFRGS foi ver que poucos estudantes de escola pública e ainda menos mulheres frequentavam aquele espaço. A maior parte dos alunos vinha de colégios particulares. Decidiu a contribuir para a mudança